

CRISTÓVÃO, Fernando. *Nova Peregrinação por diversificadas latitudes da língua portuguesa* (1968-1989). Lisboa: Esfera do Caos, 2017.



Nova Peregrinação por diversificadas latitudes da língua portuguesa (1968-1989) reúne fragmentos de diários de viagens de Fernando Cristóvão através do mundo. 21 anos plenos de movimentação: 28 viagens para 21 países (Alemanha, Argentina, Áustria, Brasil, Bulgária, China, Dinamarca, Dubai, Espanha, Estados Unidos da América, Finlândia, França, Hungria, Índia, Irlanda, Itália, Malásia, México, Polónia, Rússia, Tailândia), repetindo 5 (Alemanha, 2 vezes; Brasil, 3 vezes; Espanha, 2 vezes; França, 3 vezes, e Hungria, 2 vezes) e, frequentemente, com múltiplos lugares no país de destino. Da Europa às Américas e aos Orientes, o itinerário individual de formação desde o início da sua vida de investigador e docente até à presidência do então ICALP (Instituto de Alta Cultura de Portugal), segue a rota da própria Lusofonia que observou e teorizou numa *escrevivência* geradora de vasta e sólida bibliografia onde a cartografia e história, tendo como principal *atlas* o *Dicionário Temático da Lusofonia* (2005-8), obra colectiva que ideou e dirigiu.

Vinte e sete anos depois, Fernando Cristóvão revisita essas memórias registadas ao ritmo das viagens, concluindo o volume com homenagem a uma personalidade notável e tutelar na construção dessa cartografia lusófona: Agostinho da Silva, “furacão, verdadeiramente genial, de ideias extremamente originais e arrojadas”.

Como na famosa expressão “aos ombros de gigantes” (Bernardo de Chartres, João de Salisbúria e Newton), Fernando Cristóvão refere a sua anterioridade em linha de fuga (Camões, Padre António Vieira, etc.), linhagem geradora de um sentimento de ser progressivamente qualificado como lusófono, mas consagrando no título a religiosidade cristã e o objectivo reflexivo, de investigação e de formação que o move, *homo viator* anelante de “ensinar e aprender”.

Assim, na metamórfica linhagem da narrativa de viagens, o discurso fernandino colhe as diferentes lições dos múltiplos paradigmas estético-culturais: a da representação do mundo (os velhos *Speculum Naturale* da Antiguidade), a do registo das terrestres *maravilhas* e *singularidades* (simbólicas, por fé medieval, ou verdadeiras, por deslumbramento das descobertas dos

novos mundos), a de autorreconhecimento na *paisagem* (romântico projecto), a de conquista do leitor pelo ‘Síndrome de Stendhal’ (de sobredose de beleza descrita por Stendhal em *Nápoles e Florença: uma viagem de Milão a Reggio*), a da inscrição de si no mudo e deste em si...

Quanto às narrativas de viagens que, correspondente e inevitavelmente, a memória nos desperta, muitas são. Desde o enciclopédico *Speculum Maius* (*O Grande Espelho*), de Vincent de Beauvais (c. 1190-1264?), ao *O Livro das Maravilhas* de Marco Polo (c. 1254-1324), nas Rotas da Seda e na China (daí o título *O Livro das Maravilhas*), à *Peregrinação* (publ. póst. 1614) de Fernão Mendes Pinto (1509-83) ... a lista é interminável, como interminável é a das obras que se estruturam em função do tema da viagem simbólica, assumidamente ficcional.

Nova Peregrinação destaca, dentre tão vasto *corpus*, a *Peregrinação*, pela tripla dimensão autobiográfica, moral e religiosa: *homo viator* (título de obra que o homenageia e assim o ‘crisma’ em 2004), caminha ao ritmo ditado pela consciência da efemeridade, observa e analisa com olhar filosófico, a um tempo, empático e objectivo, emocionado e distante, espiritualista/religioso e pragmático, analítico e de aprendizagem, *convivente*, enfim. E, se “peregrinação” é designação que usa para algumas das suas incursões, como a que o levou ao túmulo do Padre Cícero (Romão Batista), adequa-se também ao modo como concebe a sua vida de missão humanística, “outra ‘Peregrinação’”, que sintetiza na “Explicação prévia indispensável”, abertura deste e de futuros volumes da série memorialista agora iniciada.

Ler, hoje, estas memórias é reencontrar o *pulsar do tempo perdido* (Proust), no *seu* momento, no *seu* curso. Desde os “terreiros” do Brasil até aos cenários académicos, passando por arquivos, seminários, museus e tantas outras instituições. Em busca, também, dos fantasmas culturais: buscando nos lugares os poetas, os pensadores, os construtores, os imperadores e os factos que por eles passaram, viveram, aconteceram; chocando-se com os cenários de horror e heroicidade (des)humanos (Auschwitz); revendo, agora, o registo do passado já ultrapassado (notícia jornalística, opinião da altura);



perscrutando *além* das aparências que *vê claramente* (em Varsóvia, p. ex.) ou quando *vê o que não pensava* (em Moscovo).

Ler, hoje, estas memórias é consciencializar a grande mudança (não a que Stephen Greenblatt descreve, mas a que nós vivemos). Após o célebre Maio de 68 parisiense, o 25 de Abril português e a reconfiguração geopolítica da África (com os novos países lusófonos) e da Europa (fim da Guerra Fria, *glasnost* e a *perestroika*, construção da União Europeia), iniciou-se a caminhada para a actual globalização, para a complexidade actual que a informática e a *internet* aceleraram vertiginosamente a partir dos anos 90. Caminhada em que vimos cair, elogiar ou contestar monstros sagrados da *intelligenza* ocidental (Marcuse, Barthes, Raymond Aron, André Malraux, Gilberto Freyre, Leopold Senghor, Pilar Vasquez Cuesta, Camilo José Cela e tantos outros) ao ritmo dos trópicos, na familiaridade das pequenas comunidades, no contraste com os costumes exóticos, na espuma dos dias vertidos do nosso viajante-autor. Daí um efeito de diversidade cultural cerzida e perspectivada por um mesmo olhar

inquiridor, curioso, reflexivo, sensível, mas onde a voz *off* do documento ou do registo da conversa se impõe como emergência da alteridade e de outro tempo feito *outrogora*, centrando o universo memorialista sempre entre dois pontos focais, o do visto e o do sujeito, sendo este o norte magnético ou *cruzeiro do sul, a norte* (título, aliás, de 2005), mas evitando o preconceito cultural, sem cair no relativismo.

Eis, pois, um texto que nos prende e arrasta para um tempo distanciado e lentificado à luz da vivência actual, conjugando a sépia do retrato na paisagem (do viajante, das gentes, dos lugares, dos acontecimentos, das personalidades, das notícias...) com a vibração do grão de voz de quem quer deixar-nos um legado!

ANNABELA RITA
CLEPUL

Recebido: 24/07/2017
Aprovado: 31/08/2017
Contato: annabela.rita@gmail.com
(Annabela Rita)